
APONTAMENTOS PARA UM DEBATE EPISTEMOLÓGICO NA GEOGRAFIA: AS CONTRIBUIÇÕES DE HUMBOLDT E RITTER

ROBERISON WITTGENSTEIN DIAS DA SILVEIRA - silveira_r@yahoo.com.br ; ANTONIO CARLOS VITTE - vitte@uol.com.br ;

Epistemologia, Geografia, Ciência/Filosofia, Humboldt, Ritter

A Geografia encontra sua forma sistemática como ciência moderna no cenário intelectual da Alemanha de começo e meados do século XIX. No século XIX as diretrizes do método já se apresentavam como o ferramental no rumo do objetivo, na elucidação do objeto. A filosofia, nesse período, já se anuncia como um cabedal de premissas e conceitos escolhidos ao gosto do freguês, quer dizer, em função do interesse específico de cada domínio do saber. Esse processo de separação entre filosofia e ciência pode ser remontado aos trabalhos de Kant, mais precisamente à sua Crítica da Razão Pura e os Primeiros Princípios Metafísicos para a Ciência da Natureza, até chegar ao seu momento derradeiro com o projeto positivista de Comte. Entretanto, nesse ínterim, ocorre um processo importante de revalorização da unidade e do papel das questões filosóficas na construção das teorias científicas. A Naturphilosophie alemã recobra, por esse tempo, a necessidade de se compreender a natureza em sua unidade, não como um corpo desmembrado e esquartejado sob a égide de um saber que é, antes de mais, a imposição de uma estrutura formal aos ditames da ordem natural. A Naturphilosophie coloca então a apresentação de uma natureza unificada, indissociável, que carrega no seu seio a força elementar pela qual se liga toda a diversidade; sob a qual se exprime todo processo de construção do espírito e do mundo. Essa Naturphilosophie impacta sobre as ciências da natureza do século XIX, sobretudo na gênese da Geografia moderna, levando o princípio fundamental da unidade e a associação indelével entre a formação da natureza e o papel ativo do espírito ao centro da discussão filosófica e científica.

Apesar da Naturphilosophie no século XIX, a fragmentação do saber se expande e se torna importante no cumprimento de objetivos claros e pragmáticos, bem como para a ampliação de um corpo de informações como nunca antes imaginado. Por outro lado, o rumo da construção por esse contínuo fragmentar e analisar recobra hoje o sentido filosófico na explicação geral dos fenômenos, na compreensão legítima dos processos que fogem aos limites disciplinares e às fronteiras sob as quais se entrincheiraram as ciências em seus interesses corporativos e institucionais, revivendo, desse modo, as críticas dos românticos do século XIX, que defendiam, no enfrentamento desse formalismo no saber, um retorno à arte. Aqui, sob as mesmas limitações, se abrem as questões de um pensar interdisciplinar e a necessidade de uma reformulação epistêmica geral, procurando esclarecer e apontar caminhos para a integração dos diferentes ramos e campos de pesquisa. A dificuldade central, em nosso contexto, reside no fato de que as ciências foram construídas a partir de sistemas e premissas

filosóficas distintas. Quando se deu definitivamente, com o aporte filosófico da teoria kantiana, a separação entre ciência e filosofia; quando pôde a atividade científica alçar seus vôos sem recorrer a todo instante ao inibidor processo de investigação filosófica, cumpriu-se o passo derradeiro para o avanço da ciência moderna que reencontra a filosofia só na adoção dos princípios e pressupostos, bem como para a validação do método e para o arranjo coerente da sua estrutura. Nesse sentido, a filosofia tornou-se para a ciência um cabedal de conceitos e estruturas escolhidos ao gosto do cientista, melhor dizendo, segundo o interesse analítico de cada ramo do saber científico. Não se busca a verdade, busca-se a produção de um conhecimento com validade restrita ao universo de premissas adotadas. Logo, quando se apresenta uma dificuldade qualquer no rumo do conhecimento, a tarefa de reinventar-se a partir do método torna-se um desafio cada vez mais difícil. As ciências, experimentando a limitação que, em verdade, é tão somente o resultado desse exaustivo aprofundar específico, clamam uma visão geral, uma articulação não construída, sobretudo porque a própria Filosofia tornou-se ciência na Academia. Como não interessa à realidade o fato de estarmos ou não munidos para superar as dificuldades impostas à sua investigação, provamos do revés de nosso avanço, a limitação imposta por aquilo que nos fez outrora caminhar.

A Geografia prova desse desafio, na medida em que enfrenta internamente uma divisão entre um ramo humano e outro físico na construção de suas análises, e na medida em que seu objeto lhe escapa, se estende e toma formas dinâmicas que não podem mais circunscrever-se em recortes claros ou linhas de interpretações precisas. Mantida em seu interesse pragmático, por sua produção objetiva que atende aos órgãos estatais, aos sentidos gerais de um ramo político ou ao pensar e construir enredados pelos interesses de mercado, subsiste a Geografia em seu sentido contemporâneo. As vias que lhe anunciam um novo dia, uma nova posição, cobram o interesse pragmático de que não podem restituir-se, na medida em que assentam na vala comum a opinião de que todo o conhecimento se produz nos limites de um recorte material constitutivo e submetido às regras de um princípio que toma como norte as condições que pretende superadas. As respostas dadas ao interesse restrito do saber geográfico e ao contínuo joguete político-institucional a que foi submetida em seu desenvolvimento histórico são todas limitadas pelo fato de não se romper em nenhum momento com a estrutura central de uma especialização do saber. Ao contrário, as respostas são sempre na direção de uma (re)fundação da Geografia segundo essa roupagem surrada de uma ciência moderna. As discussões da Geografia se perdem no vazio de um interrogar epistemológico que não oferece repostas, porque travadas no desafio limitado de se adequar ao que serve a outra ciência qualquer, mas não a esta. O que nos indica isso é a própria história da Geografia: no momento em que se consolida como saber sistemático moderno ela caminha na contramão da especialização da ciência, confluindo uma ampla gama de conceitos e mesmo de pressupostos filosófico-metodológicos. É no contexto de debate do século XIX que toma forma moderna o saber geográfico nas figuras de Humboldt e Ritter. Ambos se preocuparam com o caráter integrador da realidade, sem renunciar às contribuições dos ramos específicos do saber, revelando em seus métodos, especialmente Humboldt, uma maneira singular de proceder diante da complexidade que envolve a relação entre o homem e a natureza. Importante, portanto, é compreender como estas construções dialogam com o problema epistemológico posto para a Geografia Contemporânea e de que maneira podem

estas propostas esclarecer e apontar possibilidades para as dificuldades enfrentadas pela Geografia e pela atividade científica como um todo. Examinando essa gênese, pretendemos reinserir o debate acerca de uma ciência integradora como resposta epistemológica para os desafios contemporâneos da Geografia e, de forma genérica, para a atividade científica moderna.